

**DISCURSO DE POSSE NO CARGO DE JUIZ DO TRABALHO SUBSTITUTO DO
TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 3ª REGIÃO**

(João Otávio Fidanza Frota – 05/04/2019)

Excelentíssimo Senhor Desembargador Marcus Moura Ferreira, Presidente do eg. Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, em nome de quem cumprimento todos os membros da Mesa de Honra e todos os Excelentíssimos Senhores Desembargadores e demais autoridades aqui presentes;

Cumprimento os meus colegas ora empossados Excelentíssimos Juízes do Trabalho Substitutos;

E saúdo também os nossos familiares e amigos, bem como todos os servidores desta Casa e os demais presentes nesta cerimônia.

Senhoras e senhores,

É com muita honra e alegria que faço uso da palavra, em nome deste seletto grupo de Juízes empossados, **neste momento que traz a todos nós uma avalanche de emoções** quanto ao passado, ao presente e ao futuro. Pretendo tecer algumas considerações e reflexões sobre o momento que estamos vivendo, bem como sobre perspectivas e expectativas para um futuro que se inicia hoje.

[...]

Cada um de nós ora empossados (eu, João Otávio, Natália, Wallace, Lucilea, Carolina, Emanuel, Rafael e Pedro) carrega nas costas e nos corações uma história de vida única e distinta dos demais; uma trajetória pessoal, familiar, social e profissional que nos diferencia, de modo complementar, quanto à forma de lidarmos com o mundo à nossa volta.

Mas se há **algo que temos em comum** é o fato de, um dia, termos tomado a **decisão de querer ser Juízes do Trabalho**. Uma decisão de vida, cujas repercussões surgiram logo no início do período de estudos, e perdurarão pelos próximos vários anos.

Juntamente com esta decisão, passamos pela fase do **sonho**. Sonhamos e tivemos esperança de, um dia, quem sabe, sermos aprovados no concurso da magistratura e nos tornarmos juízes. Mas sonhar, mesmo com toda a magia que este exercício revela, não foi suficiente para chegarmos até aqui.

Para alcançarmos esta vitória, foi preciso mais do que sonhar um sonho distante. Foi necessário nos projetarmos concretamente vitoriosos, acreditando verdadeiramente que éramos capazes de atingir o objetivo traçado e, a partir disso, guiar os nossos estudos, renúncias e caminhos nessa direção. Nossa vitória, portanto, **não nasceu no momento do resultado da prova oral, mas sim no instante em que nossas mentes e corações passaram a confiar que chegaríamos onde estamos hoje**.

Por isso, cada um de nós está hoje não apenas realizando um sonho, mas sim formalizando o reconhecimento de que estávamos corretos quando dissemos a nós mesmos: **eu vou** ser Juiz.

[...]

E nesse processo complexo de sonhar e de nos projetar vitoriosos, não podemos deixar de reverenciar aqueles que estiveram sempre ao nosso lado, também sonhando e acreditando, com muita fé, em nosso potencial: **os nossos familiares**, a quem passo a me dirigir neste momento.

Vocês são a gênese dos nossos mais sinceros valores como cidadãos; são a fonte inesgotável de amparo mútuo, de amor, de doação e de ensinamentos.

Nós firmamos as nossas personalidades e as nossas convicções sobretudo pelo exemplo que vocês foram e são. Como se costuma dizer: os filhos não aprendem com aquilo que os pais falam, mas sim com aquilo que eles fazem. E bons exemplos certamente nunca nos faltaram.

A importância de vocês em todo o nosso processo de preparação para os concursos, em razão do profundo amparo emocional e, muitas vezes, financeiro que nos deram, foi tão intensa e profunda, que sequer é possível considera-los coadjuvantes nesta cerimônia de posse. Vocês compõem aqui o rol de protagonistas e são merecedores de todas as homenagens: esta vitória também lhes pertence.

Agradecemos por todo o amor sincero, por toda a compreensão, por todos os sacrifícios e por cada palavra de afago em nossos momentos difíceis. Vocês foram e são fundamentais para o nosso sucesso, e por isso seremos gratos para o resto de nossas vidas.

[...]

Se voltarmos os olhos para nossa trajetória recente, veremos que muitas foram as noites sem dormir preocupados com o tamanho de um edital, com o grau de dificuldade das questões que enfrentaríamos, com as viagens para prestar as provas. Muitas foram as renúncias e as decepções com as quais tivemos que lidar. E muitas foram as derrotas que tivemos que superar.

Neste concurso nacional, fomos tomados por muita ansiedade e angústia em quase todos os momentos. Quem de nós ora empossados, por algum momento, em alguma (ou em todas) as fases, não pensou que seria reprovado? Não pensou que não conseguiria terminar a prova de sentença? Não sofreu abalos emocionais na preparação para a prova oral? E não beirou o desespero com as sessões de divulgação dos resultados?

[...]

Passou. Aqueles momentos ficarão para sempre guardados em nossas recordações, talvez não com saudosismo, mas certamente para nos lembrar que **merecemos ter chegado onde chegamos**, que hoje não alcançamos a magistratura por sorte ou por coisa que o valha. Chegamos porque tivemos o nosso merecimento. **E isso ninguém tira de nós**.

Inauguramos hoje uma nova fase em nossas vidas. De agora em diante, escreveremos um novo capítulo de um livro cujas folhas subsequentes ainda estão em branco. Mas tenho a certeza de que cada palavra doravante escrita neste novo capítulo será fruto de nossa dedicação à magistratura, de nosso olhar sensível aos argumentos das partes litigantes, de nossa escuta ativa em cada audiência, de nosso estudo atento dos processos sob julgamento, e de nossa reflexão solitária – típica de um juiz de primeiro grau – ao proferirmos as nossas sentenças.

Mas que essa reflexão solitária não seja um fechamento de nossos olhos para aquilo que nos rodeia, para a realidade social, para as nossas experiências de vida, para os exemplos mais singelos que podemos extrair dos nossos convívios familiares, sociais e profissionais. Sejam humildes o suficiente para **aprender** diariamente com o outro, para **reconhecer** os nossos erros, para **aperfeiçoar** os nossos acertos e para **agradecer** as oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Como disse outrora o Ministro Luis Roberto Barroso: *ninguém é bom demais; ninguém é bom sozinho; e é preciso agradecer.*

[...]

Nesse contexto do aprendizado que nossas vidas resguardaram para os próximos capítulos, **aprenderemos, dia após dia, a ser juízes.**

Saibamos que exercer a magistratura, assim como realizar justiça, é um eterno “vir a ser”, uma busca interminável por um aperfeiçoamento que nunca vai chegar à completude. Se um dia nos considerarmos juízes prontos e perfeitos, talvez seja a hora de repensar os caminhos e as escolhas traçadas.

E especificamente em relação à magistratura trabalhista e à veia social que lhe é inerente, enxergar e compreender o outro e a realidade social que o circunda, sobretudo nestes tempos estranhos pelos quais estamos passando, será o nosso desafio diário.

Que tenhamos a **coragem** necessária para exercer a magistratura do trabalho, e que exerçamos a nossa missão constitucional na qualidade de verdadeiros **agentes de transformação social**. Não como justiceiros – porque esse não é o papel do juiz – mas como atores capazes de influenciar na conformação de uma jurisprudência que cumpra os ditames constitucionais, de construção de uma sociedade mais livre, mais justa e mais solidária, em que a livre iniciativa e a valorização do trabalho humano digno caminhem sempre juntos.

[...]

Não é demais destacar, nesta oportunidade, que a arquitetura constitucional de 1988 **impõe nossa existência** como Juízes do Trabalho. Não apenas porque este ramo do Judiciário compõe o desenho institucional previsto pelo Poder Constituinte Originário, mas sobretudo por ter a Carta Magna estabelecido **bases humanistas e sociais** para o nosso Estado Democrático de Direito.

Enquanto viger a Lei Maior de 1988, devemos constituir uma **sociedade democrática e inclusiva**, em que todas as pessoas tenham a chance de construir suas vidas e seus sonhos com dignidade. Não por acaso, o Texto Constitucional estabelece, de maneira muito clara e contundente, a valorização do trabalho humano digno como um dos vetores centrais de nossa comunidade jurídico-política.

Neste contexto, o Direito do Trabalho e a Justiça do Trabalho são essencialmente, e o são por natureza, **instrumentos constitucionais de resistência**. Não uma resistência ao crescimento econômico do país, ao desenvolvimento das empresas, ou ao capitalismo em si. Mas sim resistência à cultura do sarrupio de direitos básicos daqueles que vivem do trabalho, em estado de subordinação

jurídica a seus patrões, e que precisam de amparo legislativo e, muitas vezes, judicial para viver em razoável padrão de dignidade.

O desempenho das nossas tarefas profissionais, a partir de agora, nos impõe um olhar atento e sensível para os conflitos trabalhistas, com a **compreensão adequada da relevância do Direito do Trabalho e do modelo de capitalismo que nossa Constituição impõe.**

[...]

Temos um grande desafio, meus amigos. No atual cenário político-institucional, as críticas à nossa atuação certamente existirão – e poderão ser pesadas – mas tenho a certeza de que, com muita disposição, honraremos a função constitucional que nos foi confiada.

Temos muito orgulho de podermos dizer, a partir de hoje, que **somos Juízes do Trabalho**. E temos ainda maior orgulho de compor este egrégio Tribunal da 3ª Região, amplamente conhecido por ser um dos mais importantes Tribunais trabalhistas do país, cujo perfil avançado na discussão das teses de direito material e processual marca sua história. O prestígio nacional deste Regional é notório, sendo oriundos desta Corte grandes nomes da Justiça do Trabalho e do Direito do Trabalho.

Nos colocamos, Senhor Presidente Desembargador Marcus Moura, à disposição desta Corte e esperamos contribuir da melhor forma possível para a prestação jurisdicional trabalhista no Estado de Minas Gerais.

[...]

Em suma, e para encerrar, **o meu mais sincero desejo é de que sejamos, acima de tudo, felizes** em nossos caminhos a partir de hoje; que a magistratura nos faça felizes; que nossas famílias nos façam felizes; e que jamais deixemos para sermos felizes amanhã ou depois: sejamos felizes hoje, amanhã e sempre.

Cito o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade: “*Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem, nem da sorte, nem do dinheiro. Que ela possa vir com toda simplicidade, de dentro para fora, de cada um para todos. Que as pessoas saibam falar, calar, e acima de tudo ouvir. Que tenham amor ou então sintam falta de não tê-lo. Que tenham ideais e medo de perdê-lo. Que amem ao próximo e respeitem sua dor. Para que tenhamos certeza de que: ‘Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade’*”.

Muito obrigado!